

PESQUISA

VICENTE PAULO ALVES

Professor Doutor da Universidade Católica de Brasília (UCB)
Diretor do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Gerontologia da UCB

A Revista de Medicina e Saúde de Brasília vem trabalhando com muito afinco junto aos seus pesquisadores, colaboradores e articulistas para que possa oferecer à comunidade científica e acadêmica, o que há de melhor nessa área tão importante que é a da saúde humana. Particularmente, o nosso país sente a necessidade de investimentos na área da pesquisa com uma política pública prevista anualmente em orçamento aprovado pelas casas legislativas, não como algo acessório ou provisório, que se deva dar atenção quando há dinheiro em caixa.

O que distingue os países desenvolvidos dos países em desenvolvimento é sobretudo o orçamento destinado a pesquisa: enquanto que naqueles a pesquisa traz progresso e desenvolvimento, nesses últimos, o incentivo à pesquisa só é feita “se houver caixa”. Na área de medicina e saúde então, nem se pode medir o abismo que existe entre as duas classes de países: praticamente a maioria dos medicamentos produzidos no mundo são frutos das pesquisas realizadas nos laboratórios europeus e norte-americanos. Além disso, equipamentos que realizam diagnósticos e possibilitam novas

técnicas de cirurgias são, quase 100% deles, importados desses países.

Quando será que nós nos colocaremos o desafio da inovação e do desenvolvimento na área da pesquisa científica em medicina e saúde? É uma pergunta angustiante, pois uma grande maioria de nossos pesquisadores se sente desprestigiada ao não conseguirem recursos que possam financiar suas pesquisas mais básicas com pouco investimento. No mais, ainda perdura a cultura sobre nós do produto importado ser melhor do que o nacional, e também de que não somos capazes de realizar pesquisas mais profundas e patentear uma nova técnica ou uma nova máquina! Temos muitos desafios a vencer, os quais não vem apenas da falta de orçamento para a pesquisa, mas há vários outros, como a formação de novos talentos humanos e o fortalecimento dos atuais Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu*.

Outra coisa que precisamos aprender urgentemente é fazer pesquisa em rede: montar uma equipe multidisciplinar, com profissionais de diferentes formações e provindos de diferentes universidades, enriquecem muito a consecução dos objetivos

finalis de um projeto de pesquisa. Compartilhar conhecimentos é uma troca fundamental para se obter resultados de alto impacto no meio científico. A ideia mística e ilusória do lendário professor Pardal das histórias em quadrinhos de Walt Disney, de alguém que ficava solitário e de forma excêntrica, não se coaduna mais com a atual figura do pesquisador: ele não está mais solitário, mas ele deve ser solidário e realizar pesquisas com outros colegas, que possam agregar valores às suas descobertas.

É verdade que sobre novas descobertas continua pairando o sigilo e a necessidade de realizar o registro provisório de inovação, até culminar no direito de patentear a inovação. A diferença é que agora não se tem mais como “pai da invenção” apenas uma única pessoa, mas vários colaboradores que fizeram cada um a sua parte para a concretização do resultado. Por isso a segunda pergunta: não é melhor trabalhar em equipe e co-dividir os resultados do que ficar anos a fio sem poder encontrar nada relevante?

Atualmente as agências de fomento governamentais têm aberto diversos editais, onde incentiva a formação dessas equipes e divide o orçamento a ser solicitado em custeio e capital. Entende-se que o custeio serão os gastos normalmente necessários para o bom andamento da pesquisa – e o capital – como a parte que se pode investir, adquirir e

modernizar os laboratórios de pesquisa, para que não fiquem obsoletos e desatualizados com o que se tem de melhor na área de equipamentos. O problema maior é que ainda são poucos os pesquisadores que sabem escrever um projeto coerente, com todos os itens fundamentais para a análise de seus pares! Enquanto isso, os pesquisadores que montam suas equipes com mais experiência conseguem alcançar um nível de excelência e capacidade de investigar várias atividades de medicina e saúde. Precisamos aprender com eles e fazermos nossos projetos florescerem para elevar ainda mais os estudos de nossa área!

Nesse sentido, a Universidade Católica de Brasília está dando um passo importante na consolidação das pesquisas, instituindo a Escola de Medicina, reunindo o curso de graduação e a Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Gerontologia, como já existe em outras universidades, como na UNICAMP e na PUC-RS por exemplo, bem como em Centros Universitários e Faculdades de Medicina, como a FAMEMA (Faculdade de Medicina de Marília – SP). É uma oportunidade para estreitar laços, criar equipes de pesquisa, estabelecer novas metas e um novo jeito de investigar a questão da saúde e do envelhecimento humano, abordando essa temática de forma interdisciplinar. A possibilidade de termos o doutorado na área

Alves VP

Pesquisa

consolidará o campo que mais cresce atualmente dentro dos Programas de Pós-Graduação Stricto Sensu da CAPES. Oxalá, tenhamos diversas publicações conjuntas de

docentes e discentes na Revista Medicina e Saúde de Brasília e tantas outras publicações nacionais e internacionais que se descortinam como opções de divulgação do conhecimento!